

A Dosagem da Distância - deixe o possuidor da bola respirar para o jogo poder evoluir

Amândio Graça Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física Universidade do Porto

Introdução

No estrito sentido do termo, Hermínio Barreto nunca foi meu professor. Com efeito ele exerceu o seu magistério universitário em Lisboa, enquanto eu realizei toda a minha formação universitária no Porto. Mas noutro sentido, Hermínio Barreto foi e continua ser meu professor, porque dele aprendi as ideias nucleares para o ensino do jogo, nele baseei as traves mestras do meu programa de didáctica do basquetebol, e porque ele nunca deixa de me surpreender com a riqueza sugestiva e ilustrativa dos seus gestos e das suas histórias, capazes de tornar concreto, palpável, visível, ali presente, aquilo que são conceitos pedagógicos teoreticamente mais elaborados.

Do legado pedagógico de Hermínio Barreto realço 3 obras que marcaram mais profundamente a minha formação na área do ensino do jogo, a saber: "*Da actividade lúdica à formação desportiva*" (Barreto, 1980); "*Estratégia de formação: modelo de desenvolvimento de praticante*" (Barreto, 1984); "*A concretização de uma unidade didáctica em basquetebol*" (Barreto & Gomes, 1989). Não será no entanto delas que especificamente me irei ocupar aqui, embora elas não deixem de estar sempre presentes, porquanto se fundiram desde há muito no meu modo de pensar o ensino do jogo e na recensão das novas matizes e possibilidades de o desvendar que Hermínio lhe vai acrescentado.

O tema escolhido é o da dosagem da *distância*, um cuidado que Hermínio Barreto reputa de importância crítica para a evolução dos aprendizes do jogo de basquetebol. Trata-se de uma ideia que foi sendo amadurecida e refinada ao longo dos anos e que transparece nos trabalhos mais recentes como tema privilegiado do seu labor pedagógico (Barreto, 2001, 2002, 2004). Poderia tomar qualquer deles, mas é precisamente o primeiro destes trabalhos publicados: "*Ensino do basquetebol no ambiente de jogo*" (Barreto, 2001) que me servirá de roteiro para a análise do tema da dosagem da distância. Trata-se de um texto publicado no livro de actas do Iº seminário "estudos universitários em basquetebol" editado pela FCDEF-UP.

Aprender a jogar jogando

Aprender a jogar jogando sinaliza uma perspectiva pedagógica e didáctica que coloca de forma inequívoca o jogo no cerne da actividade de aprendizagem, não apenas como objectivo, mas também como conteúdo nuclear dessa actividade. Quem se coloca nesta perspectiva, como Hermínio Barreto o fez desde sempre, rejeita iminentemente a alienação do jogo e a pretensão de resolver os problemas do jogo fora do quadro das relações de cooperação e oposição, intrínsecas a um jogo de invasão - como é o basquetebol.

Mas se este enunciado é inequívoco relativamente à primazia a dar ao jogo, não é menos omissivo em relação à intervenção pedagógica do professor ou treinador, e daí não menos

vulnerável a deturpações reducionistas e a aproveitamentos oportunistas e irresponsáveis de absoluta demissão pedagógica, deixando os jogadores entregues a si próprios. Sem regulação externa, o jogo terá poucas probabilidades de proporcionar um ambiente propício à aprendizagem para a generalidade dos aprendizes. Os mais capazes, os mais fortes, tenderão a dominar o jogo, a assumir o protagonismo da maior parte das acções. Nestas condições, porém, nem mesmo os mais dotados encontrarão o ambiente mais propício para aprenderem a jogar melhor. Criar e manter um ambiente propício à aprendi

O tema escolhido é o da dosagem da *distância*, um cuidado que Hermínio Barreto reputa de importância crítica para a evolução dos aprendizes do jogo de basquetebol. Trata-se de uma ideia que foi sendo amadurecida e refinada ao longo dos anos e que transparece nos trabalhos mais recentes como tema privilegiado do seu labor pedagógico (Barreto, 2001, 2002, 2004). Poderia tomar qualquer deles, mas é precisamente o primeiro destes trabalhos publicados: *'Ensino do basquetebol no ambiente de jogo'* (Barreto, 2001) que me servirá de roteiro para a análise do tema da dosagem da distância. Trata-se de um texto publicado no livro de actas do Iº seminário "estudos universitários em basquetebol" editado pela FCDEF-UP.

Aprender a jogar jogando

Aprender a jogar jogando sinaliza uma perspectiva pedagógica e didáctica que coloca de forma inequívoca o jogo no cerne da actividade de aprendizagem, não apenas como objectivo, mas também como conteúdo nuclear dessa actividade. Quem se coloca nesta perspectiva, como Hermínio Barreto o fez desde sempre, rejeita iminentemente a alienação do jogo e a pretensão de resolver os problemas do jogo fora do quadro das relações de cooperação e oposição, intrínsecas a um jogo de invasão - como é o basquetebol.

Mas se este enunciado é inequívoco relativamente à primazia a dar ao jogo, não é menos omissivo em relação à intervenção pedagógica do professor ou treinador, e daí não menos vulnerável a deturpações reducionistas e a aproveitamentos oportunistas e irresponsáveis de absoluta demissão pedagógica, deixando os jogadores entregues a si próprios. Sem regulação externa, o jogo terá poucas probabilidades de proporcionar um ambiente propício à aprendizagem para a generalidade dos aprendizes. Os mais capazes, os mais fortes, tenderão a dominar o jogo, a assumir o protagonismo da maior parte das acções. Nestas condições, porém, nem mesmo os mais dotados encontrarão o ambiente mais propício para aprenderem a jogar melhor. Criar e manter um ambiente propício à aprendizagem do jogo constitui o desafio permanente que Hermínio Barreto elegeu como alvo da sua acção pedagógica.

Olhar para o jogo que os jogadores conseguem jogar

Um traço indelével da perspectiva de ensino de Hermínio Barreto é a vinculação a uma pedagogia centrada no aluno em detrimento de uma pedagogia centrada na transmissão do conteúdo. O olhar primeiro, o ponto de partida, é o comportamento do jogador no jogo - o que é que ele pretende fazer e o que ele consegue fazer quando tem a posse da bola, quando um colega de equipa tem a posse da bola, ou quando um adversário tem a posse da bola. Esta é aliás a forma de avaliação da competência de jogo mais significativa que se pode fazer (Barreto, 1984); é aquela que pode fornecer os ingredientes que sustentam a validade ecológica dos resultados da avaliação relacionada com os jogos desportivos (Oslin, Mitchell, & Griffin, 1998).

Durante muitos anos, o pensamento didáctico e a investigação empírica sobre o ensino do jogo centrou a sua atenção sobre a transmissão, a aprendizagem e a avaliação de habilidades isoladas, descontextualizadas do jogo.

Hoje, o panorama das concepções didáticas e de investigação sobre o ensino dos jogos desportivos está profundamente alterado, cada vez mais sobrevivem conceitos como compreensão do jogo, intencionalidade táctica, conhecimento situado, contextos ricos de significado e aprendizagem e avaliação autênticas. Muito antes de ocorrer esta viragem no pensamento pedagógico e didáctico dominante já a sensibilidade e o tacto pedagógico de Hermínio Barreto (1984, 1989) situavam a observação dos comportamentos dos jogadores durante o jogo como preocupação primeira de quem pretende ensinar o jogo, ao mesmo tempo que nos oferecia uma grelha analítica, qual instrumento heurístico, que nos dá indicações sobre o que devemos procurar no jogo dos aprendizes e que grau de maturidade se nos revela nos seus comportamentos (pré-requisitos para jogar; interpretação das técnicas básicas no contexto de jogo; níveis de evolução do jogo).

O modelo de desenvolvimento do praticante de basquetebol proposto por Hermínio Barreto (1984) está construído com base numa relação dialéctica entre o que os alunos são capazes de perceber e realizar no jogo, num determinado momento do seu desenvolvimento, e um conjunto de comportamentos desejáveis que a partir dessa expressão de jogo se podem projectar na direcção de um modelo de jogo enriquecido. Este modelo consubstancia um corpo de ideias acerca de como queremos que o jogo seja praticado. O modelo permite caracterizar a evolução do jogo e do jogador, definindo níveis de jogo que correspondem a grandes etapas de desenvolvimento do jogador.

O poderoso instrumento heurístico que Hermínio Barreto nos oferece é uma bússola que nos orienta a observação do jogo e uma carta que nos sinaliza os pontos que devemos procurar. A bússola que orienta o ensino do jogo norteia a avaliação da interpretação que os alunos fazem das habilidades básicas durante o jogo. Bússola e carta são instrumentos de navegação, neste caso auxiliares de leitura, interpretação e intervenção sistemática sobre o jogo dos alunos, oferecendo indicadores para detectar o modo como os alunos jogam, em que nível de jogo se encontram, que novos desafios lhes podem ser propostos, quais os factores que contribuirão para ultrapassar os problemas actuais do jogo.

A sistematização das observações do jogo das crianças com base nesta grelha analítica permitiu-lhe:

- (a) definir um conjunto de requisitos mínimos ao nível do domínio do objecto de jogo e da compreensão das situações de jogo, imprescindíveis para iniciar a abordagem ao jogo;
- (b) estabelecer critérios para categorização de níveis do jogo e etapas de evolução do jogador, a partir da condensação dos comportamentos característicos, das confusões, dos erros de execução das habilidades e de leitura das situações de jogo;
- (c) sinalizar os indicadores de avanço ou retrocesso em cada resposta dos alunos, indicar metas claras para a evolução do jogo e as principais linhas de força a considerar no ensino.

Este conjunto de formulações para o ensino do jogo consubstancia de uma forma muito nítida um conhecimento pedagógico do basquetebol, que resulta duma aliança invulgar entre um profundo conhecimento da modalidade, uma visão pedagógica do desporto e um conhecimento situado do jogo das crianças.

Importa salvaguardar que os níveis e os respectivos indicadores são instrumentos de categorização com um grau necessário de generalização para poder abarcar a heterogeneidade e as diferenças individuais e grupais de expressão do jogo. Eles são pois entendidos como instrumentos heurísticos mais do que tábuas de classificação rígidas.

A assunção básica desta pedagogia centrada no aluno é a de que quem inicia a aprendizagem do jogo não é uma tabula, rasa, uma folha em branco, um recipiente vazio pronto a ser abastecido de conhecimento em doses programadas. Pelo contrário, em consonância com uma perspectiva construtivista da aprendizagem, o aprendiz transporta

consigo para a situação de aprendizagem uma bagagem de conhecimento e de competências que lhe vai permitir interpretar à sua maneira as situações que se lhe deparam, vislumbrar respostas para os desafios que encontra e agir com a intencionalidade que o seu quadro interpretativo e repertório de soluções disponíveis lhe permitem (Peterson, Fennema, & Carpenter, 1991; Putnam, Lampert, & Peterson, 1990). De acordo com esta perspectiva construtivista, a construção do conhecimento assenta na activação e reorganização do conhecimento existente para dar sentido aos problemas com que o aprendiz se confronta (Chen & Rovegno, 2000).

Para Hermínio Barreto, o jogador, por mais inexperiente que seja, é sempre visto como um sujeito dotado de inteligência, de vontade própria, capaz de pautar a sua acção por propósitos e intencionalidade estratégica (onde quer chegar e como quer lá chegar). Observar o que é que ele faz, estimar o que pretendia fazer e determinar porque o faz e com que sucesso o faz são condições para deduzir as medidas pedagógicas necessárias, os ajustamentos que devem ser feitos na actividade e a ajuda que deve ser prestada ao jogador.

Adequar as condições de prática à capacidade dos jogadores

O conhecimento apurado **das dificuldades** concretas que os aprendizes experimentam recorrentemente na situação de aprendizagem é tina componente nuclear do conhecimento pedagógico do conteúdo (Grossman, 1990; Shulman, 1986). A inventariação dos obstáculos ao desenvolvimento do jogo, a identificação das respectivas causas e a sugestão de estratégias para as ultrapassar têm sido precisamente um desígnio maior do labor pedagógico de Hermínio Barreto.

Adequar as tarefas de aprendizagem às capacidades actuais dos aprendizes, situando-as na zona de desenvolvimento próximo, isto é num patamar de exigência acima da sua zona de rendimento actual, faz parte dos princípios básicos do construtivismo social de raiz vigotskiana para o desenvolvimento da aprendizagem (Bento, 1987). O problema é que sendo o jogo uma actividade de elevada complexidade, há sempre o risco de este colocar dificuldades e obstáculos inultrapassáveis a muitos aprendizes.

No início da aprendizagem do jogo, a defesa tem em geral, vantagem sobre o ataque; vantagem essa que deriva da dificuldade em controlar a posse de bola, em empreender acções individuais com bola, ou em concertar uma manobra ofensiva com um colega de equipa. De todos os jogadores, como refere Hermínio Barreto, o que está mais vulnerável é o possuidor da bola. A conjugação da fragilidade dos seus argumentos perceptivos e motores com a aglomeração em torno da bola, o cerco defensivo e as constantes investidas para desarme e roubo de bola, muitas das vezes com carga sobre o jogador, tudo isto, retira-lhe discernimento, põe em causa o controlo corporal e o controlo do jogo.

A criação de um ambiente propício à aprendizagem do jogo impõe a adopção de medidas de protecção à posse de bola. A necessidade de regular este aspecto é de há muito advogada por Hermínio Barreto, que tem procurado reunir argumentos convincentes e concretizar medidas creíveis no sentido de promover a sua adopção na iniciação ao basquetebol.

A este esforço de Hermínio Barreto juntase a abordagem preconizada no modelo de competência nos jogos de invasão (Musch et al., 2002)

Este modelo realça a importância de manter um equilíbrio dinâmico entre as capacidades do jogador, os objectivos da tarefa e os constrangimentos do envolvimento (Balan & Davis, 1993). Dado que, no início da aprendizagem do jogo, a vantagem está do lado de quem defende, as medidas tomadas na forma de regras facilitadoras têm como propósito aumentar as oportunidades de ataque, protegendo as acções ofensivas e limitando as acções defensivas. Por exemplo, introduzindo a regra de posse de bola protegida: *os defensores não podem tentar tirar a bola das mãos dos atacantes, nem interceptar o drible. Em caso de*

maior fragilidade ofensiva pode-se até instituir a interdição de interceptar o passe fora da área de 6, 25m. Obviamente que qualquer contacto físico nesta fase só favorece a defesa, Pelo que, como sublinha enfaticamente Herminio Barreto, ele deve ser firmemente contrariado, obrigando o defensor a respeitar o espaço pessoal do possuidor da bola e sancionando estritamente qualquer contacto com os braços.

As medidas de protecção de posse de bola articulam-se com outras intervenções cujo objectivo será proporcionar mais tempo e mais espaço para o jogador ler o jogo, tomar decisões e actuar com mais propósito e sucesso. Algumas regras de acção básicas ajudarão a melhorar o controlo corporal e o controlo de jogo. A observância da incorporação destas regras orientarão o foco e a substância da interacção do professor/ treinador com o aprendiz na busca de um jogo melhor lido e interpretado:

- *Passar e receber a duas mãos*
- *Parar à recepção e orientar os Pés Para o cesto*
- *Lançar se estiver perto do cesto sem posição*
- *Não entrar em drible. sem olhar o jogo à sua frente*
- *Escolher a melhor forma de fazer avançar a bola: por passe ou por drible.*
- *Após passe correr na direcção do cesto*
- *Movimentarse Para espaços onde possam receber a bola, sem no entanto se aproximar demasiado do possuidor da bola*
- *Dar espaço para o avanço do colega em drible*

Não se pretende impor um jogo de rédea curta, demasiado controlado pelo professor/ treinador, pretende-se antes um jogo menos precipitado, mais consciente e deliberado por parte do jogador. É por isso fundamental que ele não se sinta ameaçado, cercado, abafado por uma defesa demasiado agressiva. É por isso fundamental que ele se sinta protegido, seguro e confiante quando entra em posse de bola. É por isso fundamental que os comportamentos de virar as costas ao cesto, de fuga em drible e de passe de recurso ou difusamente dirigido dêem lugar a comportamentos de se virar para o cesto, levantar a cabeça e procurar a melhor solução para fazer aproximar a bola do cesto. É por isso fundamental que a defesa respeite o espaço pessoal do atacante com bola, respeite a distância e a manutenção da posse da bola.

Com a posse de bola protegida não se pretende fomentar um jogo individualizado, constituído por iniciativas individuais jus-tapostas e pouca disponibilidade para cooperar com os colegas de equipa. Aprender a jogar como atacante implica aprender a tomar a iniciativa individual e aprender a jogar com os colegas; implica aprender a discriminar situações de jogo em que o ataque dispõe à partida de uma oportunidade de finalização (possuidor da bola com tempo e espaço para lançar, com uma linha aberta para o cesto ou com um colega desmarcado perto do cesto, pronto a receber a bola e finalizar) de outras situações em que o ataque e a defesa estão em relativo equilíbrio. Nas primeiras há que identificar e aproveitar a vantagem; nas segundas, o atacante com bola procurará resolver a situação por manobras simples ou encadeadas de 1x1 ou 2x2. Nas situações em que há partida o ataque não tem vantagem sobre a defesa será mais aconselhável começar por enfatizar o 2x2 (privilegia o jogo colectivo, a observação, o controlo do jogo, a ocupação do espaço e os movimentos de desmarcarão). O 1x1 deve resultar da evolução da iniciativa individual de entrada para o cesto, cujo encorajamento vai progredindo, com o acumular da experiência, desde as situações de clara vantagem posicional do atacante até as situações de puro equilíbrio entre atacante e defensor.

A evolução da aprendizagem do jogo, aliás como a história da evolução do próprio jogo, nos domínios técnico, tático e regulamentar, seja a que nível for, faz-se sempre na busca da superação dos problemas resultantes do equilíbrio dialéctico da oposição ataque/defesa. A

vantagem unilateral e insuperável de um ou outro conduziria à morte do jogo. A vantagem momentânea de qualquer deles estimula o outro a aprimorar-se e a superar-se. O equilíbrio incerto com desfecho inevitável a favor de um, mas sempre em aberto em cada jogada, eis o que constitui o sal do jogo, a fonte do seu interesse.

A dosagem da distância - necessária à aprendizagem do ataque como da defesa

A preocupação de manter um equilíbrio dinâmico entre as capacidades do jogador, os objectivos da tarefa e os constrangimentos do envolvimento obriga a uma avaliação permanente do estado de evolução do equilíbrio entre o ataque e a defesa e à actualização das medidas de regulação e constrangimentos impostos à defesa. Como vimos a concepção de bola protegida é fundamental para viabilizar a aprendizagem do ataque. Ela implica uma contenção, uma inibição e em certa medida uma tolerância da defesa, mas não uma passividade. Desde o início da aprendizagem do jogo, noções fundamentais da defesa devem ser introduzidas. A primeira das quais é o conceito de marcação individual de um atacante pré-designado, o que aliás concorre para desfazer o cerco ao jogador com bola (a obrigação de marcação individual a jogadores que se movimentam sem se aproximar em demasia da bola, deixa o possuidor da bola a contar com um só defesa).

Outra noção a introduzir será a de enquadramento defensivo do jogador que marca o possuidor da bola - estar sempre entre o atacante e o cesto, fechando a linha bola-cesto e a distância mínima de um braço. A aprendizagem da noção de enquadramento e respectiva distância, conjuntamente com a inibição do uso dos braços e mãos para molestar a acção do adversário fará concentrar a atenção do defensor sobre a sua posição defensiva, deslocamentos defensivos e recuperação do enquadramento defensivo. Ou seja no trabalho de pés e pernas, que como é sabido é a base em que assenta toda a acção defensiva. As medidas externas de protecção de posse de bola e do drible são gradualmente removidas, em paralelo com o crescimento da ofensividade do atacante com bola, de modo a que este seja desafiado a incorporar os cuidados de manutenção da posse de bola em condições cada vez mais agressivas, sem diminuir ofensividade, antes pelo contrário. A farsa aqui deve ser colocada tão alta quanto possível, sem no entanto deteriorar severamente a ofensividade do possuidor da bola.

Todos quantos têm responsabilidade na orientação do jogo dos jovens aprendizes devem dar atenção ao apelo de Hermínio Barreto - ajude este aprendiz a quem ninguém dá distância, a quem obrigam a pôr-se em fuga. Não o deixem abafar, permitam-lhe tempo e espaço para respirar, para ver, para decidir, para jogar.

Referências bibliográficas

- Balan, C. M., & Davis, W. E. (1993). Ecological task analysis-an approach to teaching physical education. *JOPERD: The Journal of Physical Education, Recreation & Dance* 64(9), 54-61.
- Barreto, H. (1984). *Basquetebol: Estratégia de formação. Modelo de desenvolvimento do praticante*. Lisboa ISEF-UTI
- Barreto, H. (2001). Ensino da basquetebol no ambiente de jogo. In F. Tavares, M. A. Janeira, A. Graça, D. Pinto & E. Brandão (Eds.), *Tendências actuais da investigação em basquetebol* (pp. 195-202). Porto: FCDEF-UP
- Barreto, H. (2002). Orientações para a aprendizagem da habilidade de discriminar distâncias. Situação crítica: Defensor do atacante com bola. In S. Ibanez-Godoy & M. Macias-Garcia (Eds.), *Novos horizontes para o treino do basquetebol* (pp. 137-153). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
- Barreto, H. (2004). Prontidão desportiva: Equilíbrio entre a capacidade de hoje e as exigências de amanhã. In A. P. Ferreira, V. Ferreira, C. Peixoto & A. Volossovitch (Eds.), *Gostar de basquetebol: Ensinar a jogar e aprender jogando* (pp. 15-34). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana. Barreto, H. (Ed.). (1980). *Da actividade ludica à formação desportiva: Comunicações apresentadas no seminário de metodologia do basquetebol*. Lisboa: ISEF UTL.
- Barreto, H., & Gomes, M. (1989). *A concretização de uma unidade didáctica em basquetebol*. Linda a Velha: IDAF.
- Bento, J. O. (1987). *Planeamento e, avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Chen, W., & Rovegno, I. (2000). Examination of expert and novice teachers' constructivist-oriented teaching practices using a movement approach to elementary physical education. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 71(4), 357-372.
- Grossman, P. (1990). *The making of a teacher: Teacher knowledge and teacher education*. New York: Teachers College Press.
- Musch, E., Mertens, B., Timmers, E., Mertens, T., Graça, A., Taborsky, F., et al. (2002). An innovative didactical invasion games model to teach basketball and handball, presented on cd. Paper presented at the 7th Annual Congress of the European College of Sport Science, Athens. Greece.
- Oslin, J., Mitchell, S., & Griffin, L. (1998). The game performance assessment instrument (gpai): Development and preliminary validation. *Journal of Teaching in Physical Education*, 17, 231-243.
- Peterson, P., Fennema, E., & Carpenter, T. J. B. E. A. i. r. o. t., vol 2, pp. Greenwich, Connecticut: JAI Press Inc. teachers' knowledge,
- sim, livro, biblioteca, EFesc 100, nota de leitura, 114114. (1991). Teachers' knowledge of students' mathematics problem solving knowledge. In J. Brophy (Ed.), *Advances in research on teaching* (Vol. 2, pp. 49-86). Greenwich, Connecticut: JAI Press Inc.
- Putnam, R., Lampert, M., & Peterson, P. (1990). Alternative perspectives on knowing mathematics in elementary schools. In C. Cazden (Ed.), *Review of research in education* (Vol. 16, pp. 57-150). Washington, DC: American Educational Research Association.
- Shulman, L. (1986). Those who understand: Knowledge growth in teaching. *Educational Researcher*, 15(2), 414.

' Trata-se de um modelo originário da Universidade de Gent (Bélgica), que coordena actualmente um projecto europeu, de que faço parte, de concretização da concepção didáctica em suporte electrónico envolvendo a produção de CDs relativos ao conceito geral, ao ensino do basquetebol e do andebol).